

## CAIS DO PIDJIGUITI

Muitos anos depois voltei a África. Tinha deixado para trás um outro homem, eu, na lonjura do tempo.

Acumulara memórias de uns dias sem fim que nunca teriam a misericórdia do esquecimento.

O tempo é isso. Um somatório de actos e lembranças. Passado e presente em simultâneo. O rosto vai gravando em sulcos os dias idos e o sentido das coisas.

É ilusão julgar que os dias sejam passado ou futuro. São sempre.

Aquele que se tem dentro e se debruça no olhar saudoso ou interrogativo, ao espelho do presente, não tem idade. É ainda o mesmo que foi quando os dias eram longos e pareciam não ter fim. Depois aquele que se debruça com olhos interrogativos sobre a saudade dos anos belos, vê, na evidência da finitude, que os dias afinal têm um conto que lhes marca o fim.

O trivial somatório dos dias vai atraíndo o outro que vive dentro e não tem idade.

Volta-se sempre ao local dos momentos marcantes.

Para ver se ainda ali está o outro que fomos, e se corresponde à utopia das lembranças.

Deixei-me a mim mesmo num caminho sem sentido, espalhado pela vastidão da Guiné.

Desejamos sempre ir buscar o homem que ficou para trás, não porque seja o mesmo, mas porque sendo-o, já não é o mesmo homem.

Temos sempre saudades dos dias em que apenas havia futuro. O tempo é essa contradição inexorável que sempre se reencontra na permanência.

O homem tem essa capacidade de saltar por cima das convenções à procura dos sonhos.

E desenhá-los com utopias ou com armas.

A guerra devolve o homem ao início do caminho do desvio. Procura a sua verdade no meio da fumaça nevoenta. Mas não mente. Tem a sua verdade aberta em chagas e axiomas.

E mostra o homem tal como realmente é, sofredor, nefasto, idealista, benigno, cruel, manhoso, ocultador de muitas faces que ele próprio desconhece e a circunstância lhe revela, como palavra de muitas leituras ocultas, que o livro dos actos manifesta.

É lento e pedregoso o caminho da opção livre. As realidades fizeram-se para obedecer às limitações convenientes do preceito e ao odioso da transgressão.

Mesmo que se saiba que o dever ser é absurdo e a liberdade pareça impossível de possuir.

A interrogação é como um malefício que perturba a banalidade dos actos.

O poder fez do viver um montão de regras, que refreiem a vontade louca de querer ser gente, àqueles que o não são.

Quando um dia já não se acredita na verdade das coisas, a alma rasga-se de inocência e vem para a rua, em guerra, gritar mudança.

Então joga-se o ofício medonho de viver ou matar e ateia-se o inferno dos dias sem fim.

Foi ali que tudo começou. No cais do Pidjiguiti. Disse-mo um velho negro, adivinhando a minha ignorância das verdadeiras razões que me haviam trazido até ali. Morreram a erguer um gesto contra a sem-razão.

— Que idade tens amigo? — Não respondeu. Talvez não soubesse a idade ou a tivesse esquecido. Talvez a idade, depois que os anos são muitos, já não interesse na contagem dos dias. Ele era «homem grande», o que na linguagem da Guiné queria dizer homem respeitável, fosse pela idade fosse pela posição.

Depois que o silêncio calou a resposta, fixou-me, do modo como se vê para além dos olhos, e disse-me: — Tu não tens idade, branco. Tens tudo para crescer e já cresceste tudo ... homem grande!

Chamou-me «homem grande», pela minha posição, e eu senti-me parte daquela terra, como os rios, os poílões e os rostos das pessoas, que escondiam almas extensas de vontade de ser gente.

Olhámo-nos como se fôssemos caminhantes de um percurso de anos contados em séculos em que a habituação tornasse dolorosa a separação.

Ele tinha o rosto altivo e triste. Parecia guardar na barba branca o percurso do tempo de que se perdeu o conto, e ter aprendido a já não ter ódio. Dir-se-ia que tinha assistido ao chegar das naus de Quinhentos, à desventura dos barcos negreiros, a um sem-número de revoltas de flecha e azagaia, ao trabalho no solo pantanoso sob o sol escaldante da bolanha... e olhasse para mim, carregado de armas e convencimento, menino crescido que ainda não crescera por dentro, com ar de quem pergunta: Porquê termos que separar-nos assim?

Não sei onde nasce a raiz do ódio. Nem onde deve chegar a mão estendida às possibilidades de mudar os erros. A linha ténue de um risco intolerante passa ao lado dos olhos benévolos. É curto o passo. E longa a noite dos pensamentos rasgados.

Alguns fazem sobre um montão de interesses e ambições a raiva que julga construir o mundo sobre um vendaval de sonhos em pedaços. Razões são pretexto apenas.

Andam a roubar as palavras. Mas nunca serão capazes de construir os princípios.

Aqueles que rastejam nos campos do ódio são os que mastigam as horas amargas dos dias sem fim.

Eu estava ali, junto ao portão grande do cais, segurando um saco de bagagem, a falar com o homem da rua que era os homens todos, sem idade nem preconceito, como se há muito tempo nos tivéssemos encontrado e acostumado um ao outro, e sentíssemos já a saudade de uma ideia comum que se rasgara.

Quando se abrem as portas da mudança, por ela entram ventos e tempestades. Olhávamo-nos e sentíamos que a vida é a última grandeza que nos resta.

O antigo cais do Pidjiguiti não era mais que um pontão construído sobre estacaria em fundo lodoso. Entrava pelas águas calmas do rio Geba até encontrar fundo que permitisse aos barcos

atracar. Rio de planície, de águas salobras, acastanhadas, escondendo o fundo movediço e incerto, transformado em pântano na maré baixa. Terra plana, onde os rios se alargam até se perderem as margens de vista. Um risco no horizonte, quilómetros além das águas, marcava a linha da floresta da margem sul. Por vezes ouvia-se do cais de Bissau o ribombar de rebentamentos de algum quartel de além-Geba, longínquo, a ser atacado. As pessoas paravam a ouvir o som distante, adivinhando o aperto de morte que a distância ocultava.

Para o lado da foz, o rio abria em mar de imensidão, deixando ver o perfil distante da ilha das Cobras.

Os camiões deixavam no cais mil variedades de caixas e caixotes, cunhetes de munições e granadas, e tudo o que faria a sobrevivência de duzentos homens, sabe-se lá até quando.

Encostado ao paredão do cais, um grande batelão a motor, que por sua vez rebocava uma barça de carga, ia-se enchendo de tudo o que saía dos camiões militares. Quem partia aguardava a hora de embarcar. Os homens do departamento de aprovisionamento dirigiam a operação, substituindo a minha inexperiência.

A atenção dos novatos ia sobretudo para as centenas de chapas de bidão abertas, que serviriam para fazer abrigos, e para os sacos de areia que faziam a protecção do convés dos barcos.

O ar resolutivo escondia os medos e a apreensão do desconhecido.

O destino era a fronteira sul, além-Cacine. Um corredor estreito de cerca de três quilómetros, esganado entre o rio Cacine e a linha imaginária da fronteira. Terra de imprevistos, onde a guerrilha se movia à vontade, e se construiria uma linha de quartéis, tentando conter a infiltração.

Ironicamente, o velho batelão dava pelo nome de Portugal. Estranho. Apenas o nome se conservava inteiro no casco escuro, deslavado de pinturas e desvelos.

O batelão era comandado por um homem alto e seco, de raça nalu. Vestia no semblante a sua posição de comando e no olhar a sabedoria de todo o labirinto de correntes, marés, baixios, canais, fundos e ilhas que fazem da navegação costeira da Guiné

uma arte complicada e temerosa, acessível apenas a quem interiorizou, com as muitas viagens e experiência, todo o imprevisível da insegurança dos rumos.

Tinha a roupa coçada de muito uso e lavagem, aqui e além deixando ver, por um rasgão iniciado, a pele luzente da sua raça nalu.

Olhava a tropa com olhar frio, que não se saberia dizer se era hostil se apenas distante, para marcar posição. Talvez indiferente ou simplesmente profissional. Mas os olhos tinham a mágoa de quem vira muito da vida e da maldade dos homens. Talvez no pensamento já não tivesse lugar para alguma crença, como o velho homem que junto a mim desfiava as contas de invocação a Alá, o Clemente, o Misericordioso. Falava ao mesmo tempo que dava atenção ao mundo em volta, enquanto lhe corria a rotina das invocações.

Ambos guardavam uma névoa de lembranças de actos e imagens impossíveis de esquecer.

Em dado momento o comandante Nalu acelerou as ordens para os homens da tripulação.

Falava em crioulo, correndo as palavras. Fazia gestos para a tropa embarcar, e as gentes que viajavam para sul, e apontava para poente, para o lado da foz do rio Geba. Na estacaria do pontão e nos troncos do tarrafe, cheios de ostras, notava-se que a maré chegara ao seu ponto de praia-mar. Olhei até ao longe e pela primeira vez notei que a Guiné era um imenso viveiro de ostras, crescendo na água salobra, ao sabor do vaivém das marés.

Se não largassem naquele momento, o batalhão não teria fundo para passar o canal da ilha das Cobras.

Ficaria a boiar ao largo, à espera de nova maré, ou correria o risco de encalhar nos baixios traiçoeiros que se escondiam no mar pouco profundo, que corria para sul, em direcção ao arquipélago dos Bijagós.

Os soldados saltaram para o batelão. Acomodaram-se entre os caixotes, os detritos e o mau cheiro do porão, como se tudo aquilo, coisas e gentes, fosse mercadoria comum. Tinham um ar resignado, disfarçando nos rostos fechados a evidente inconsciência dos novatos. Em toda a volta da amurada, sacos de areia e metralhadoras em posição faziam a vigilância do imprevisível.

O batelão foi-se distanciando, lento, o motor batendo os martelos de sua ancestralidade, a barça aos puxões ao cabo de reboque, ganhando o largo imenso do rio sem mesura.

O cais ficou cada vez mais longe, contra o casario da avenida marginal, quedando-se as palmeiras como interrogações de se algum dia voltaríamos a vê-las.

O velho embarcara também. Já ao largo disse-me com ar triste, olhando o cais do Pidjiguiti, ao longe: «Foi ali que tudo começou. A guerra não começa com os tiros, mas com as raivas da injustiça.»

Ouvira vagamente o que acontecera na revolta do cais. Apenas versões entrecortadas. Dir-se-ia que a vontade não queria lembrar o que dilacerava a memória de todos.

O silêncio também é a forma de simular o esquecimento. Tinham passado apenas cinco anos.

O descontentamento desembocara na luta armada.

A revolta do cais fora o sinal acelerador.

O Nalu segurava o leme pesquisando o horizonte e avaliando a evolução da maré. Pareceu-me ler-lhe nos olhos que guardava uma lembrança mordente que nos colocava em mundos diferentes.

Os homens tinham-se acomodado à monotonia do matraquear do motor.

Fui até à casa do leme. Saudámo-nos. Falámos de coisas banais, do mar, da viagem, dos baixios, dos tubarões e dos jacarés espregando sobre a linha cinzenta das águas.

Ele comandava o batelão com a perícia costumeira. Eu comandava o destacamento que ali embarcara para sul, até um ponto de além Cacine.

Fomo-nos lendo por dentro, por instinto. Aos poucos foi tomando aquele ar largo e acolhedor próprio dos homens do mar em qualquer ponto do mundo.

Olhou-me de modo paternal. Eu teria a metade da idade dele. Se bem que mais tarde aprendi que muitos homens de África não sabiam ao certo que idade tinham.

Ele notara que eu nada percebia da sequência dos actos e do acumular das circunstâncias que me haviam levado até ali. O barco ia agora a meio do rio Geba e o cais do Pidjiguiti perdia-se na distância.

Ganhou-se confiança.

O velho negro que embarcara em Bissau deixou o seu aconchego junto de uma pilha de sacos, e como se lesse o interesse do nosso entendimento, chegou-se a nós.

— Estiveste no Pidjiguiti? Na revolta do cais? — arrisquei.

Sabido que estivera. Como activista ou como figurante interessado. Talvez líder, talvez numa posição indefinida. Ou, mais certamente, talvez a responsabilidade o tivesse obrigado a uma posição neutra. Mas o espírito assumia uma posição que guardava ciosamente.

O Nalu continuou a governar o batelão como se a pergunta tivesse fugido do ciclar do vento.

— Ah! «home grrrande» — exclamou o velho negro. — Tudo está vivo na alma!

Chamou-me pela primeira vez «homem grande». Homem grande era ele que era velho e tinha a auréola que os anos dão a um africano. Aprendi então que «homem grande» para além de velho queria dizer «homem importante». Eu, com o vestuário de aspecto do meu convencimento e o poder das armas e homens que comandava era «homem grande», apesar do bisonho dos anos e da inconsciência das razões por que ali estava.

«Sabes, homem branco! A Guiné foi sempre um vulcão de desavenças, por razões de raças e por razão de servidão. Guerras e contendas que a memória perde no passado. Quando se sopra ao ouvido o estribilho da liberdade, então ergue-se a cabeça para além do siso e do sentido das coisas.

Desde aquele dia aziago nunca mais pararia o caminho da revolta até ao imprevisto que o destino guarda.

Os gestos vestem-se de gritos e atitudes e as mãos aprendem o caminho das armas.

Foi num dia de Agosto, corria o ano de cinquenta e nove, dia três do mês. A estação das chuvas ia adiantada. Os caminhos tornavam-se impraticáveis, lamacentos e saturados de água, que caía meses a fio.

Os barcos foram encostando ao cais, uns ao lado dos outros, como se tivessem terminado uma faina que habitualmente não tinha tempo de suspensão. Os motores calaram-se e ninguém se moveu para carregar as mercadorias do cais.

O ciclo de «chega e torna» tinha sido suspenso na sequência do tempo. Tinham-se acabado os dias brandos nos rostos fechados, por razões despertadas nas raízes da alma.

Eles, os mestres e marinheiros, sabiam que a vida era a única grandeza que sabiam ter. Parados os barcos, navegavam as raivas no mar imprevisto, de quem nunca supusera a ousadia da revolta.

Toda a actividade marítima paralisou, num adormecimento arrastado, até ao calar dos motores dos barcos. À proa tinham cada um seu nome de designação e a casa comercial a que pertenciam. Os batelões enormes, de fundo chato para vencer os baixios, faziam o abastecimento do comércio do interior através da rede inumerável dos rios que, como artérias de um corpo extenso, percorrem toda a terra da Guiné. Os batelões dos rios são toda a vida de ligação das terras da Guiné. Paralisados os barcos, paralisava toda a actividade económica.

— Porquê tudo aquilo? — arrisquei.

«Aquilo» era a tragédia de morte e repressão que ocorrera poucos anos havia.

As palavras não tiveram eco. Nem o Nalu do leme nem o velho de bordo alteraram a fixidez do rosto num ponto do horizonte.

— Sempre é verdade que houve massacre? — insisti.

O Nalu olhou-me com se a palavra o tivesse despertado de uma eternidade de ausência e sentisse a necessidade de desabafar pela primeira vez com um branco e repor o desarranjo daquilo que suspeitava não ter mais caminho de retorno.

A tropa era para ele, estranhamente, o último instrumento de sujeição e a última esperança de redenção.

O africano facilmente ganhava confiança na tropa. A visão política contava pouco ainda. E tinham passado muitos séculos de convívio entre português e negro, convívio sempre envenenado por aqueles que na costa haviam feito comércio de interesse e mais tarde se fixaram como colonos, impondo regras e explorando sem peias.

Olhei a pele negra dos homens de bordo. Descansei os olhos como se visse tudo pela primeira vez. Tudo estava no começo de tudo. É sempre assim o recomeço do mundo.

A cidade na linha do horizonte era já uma saudade.



Ficava-me a alma a rezar e a desejar que nunca acontecesse o que estava por acontecer.

Os olhares serenos, pousados numa fronteira invisível, ensinaram-me que para além da guerra, dos tiros e das mortes, não haveria ódio. A história tinha-nos conduzido até à porta de um tempo inesperado.

A tropa era também uma contradição de si própria. Se por um lado significava a permanência de um *status* que vinha da há quinhentos anos, por outro também exprimia uma forte condenação do colono, que durante anos esquecidos fora a lei arbitrária e sem limite.

O velho foi dizendo em jeito de alinhar os porquês da revolta: — Sabe! Os homens dos barcos viviam mal. O tempo de trabalho nunca tinha limite e o salário era minguaado, mal dando para comprar «mafé», e o parco condimento do arroz.

«O pessoal queixava-se. O murmúrio de palavras veladas fazia crescer o mal-estar que se agigantava nos olhares furtivos e nas atitudes escondendo raivas e ameaças.

«Dos patrões chegaram promessas. Mas as promessas, quando se amontoam às promessas, matam a esperança e vão fazendo nascer o desespero.

«O pobre só tem por si a força do número e a certeza de que já perdeu tudo o que havia para perder. Ergue-se então quando só lhe fica a ira e a violência como linguagem de se fazer ouvir.

Olhou-me procurando ler a minha reacção e assim ganhar coragem para continuar a narrativa. Falava pausadamente, como que escondendo uma tristeza infinita.

O comandante Nalu manobrava agora o leme em direcção à ilha das Cobras, pesquisando a maré e evitando os baixios.

O batelão cortava a ondulação que o vento provocava no rio-mar pouco profundo.

O velho homem continuou a narrativa:

— Encostados os barcos ao cais do Pidjiguiti, os homens do mar fizeram saber que iriam paralisar o trabalho. A gerência das casas comerciais, proprietárias dos barcos e dos interesses da navegação, não acreditaram. Enviaram novas promessas para enganar os actos.

«Mas o tempo das promessas fora tempo que já passara. Os erros rasgam as situações quando num tempo novo se age com termos de tempo velho.

«Paralisar o trabalho? Mas isso era greve! Greve? Num país onde não havia direito a greve? Não era possível!

«Não era possível?

«“Damos uma lição que fique na memória e desencoraje a rebel-  
dia”, gritou-se no meio do falar emotivo de uma resolução patronal.

«“Ao mínimo sinal pomo-los na ordem... e que ordem!”

Os raciocínios estavam embotados pelo hábito de tratar os negros dos barcos de modo autocrático e de exigir uma submis-  
são que o tempo e a necessidade haviam tornado habitual.

O velho homem continuou a narrativa:

— Quando numa noite de Agosto o último barco das carreiras do mato chegou do emaranhado labirinto de rio, que era o seu caminho, e todos ficaram amarrados no velho cais de Pidjiguiti, toda a gente do mar se foi juntando para além do portão do cais.

«Falavam alto para mostrar ânimo e resolução.

Os mestres estavam com eles e ao mesmo tempo eram o rosto dos que mandavam na frota. Posição ingrata. Pela manhã foram comunicar às empresas que as tripulações tinham parado o trabalho e abandonado os barcos...

Vivia-se em África um momento de euforia. As recentes independências da Guiné Francesa e do Senegal, os novos partidos clandestinos, criando prosélitos, tudo tinha dado origem a uma nova realidade social subjacente, que os velhos colonos residentes não entenderam, apenas confiados na dureza e insensatez de meia dúzia de elementos da polícia política. A polícia política é sempre o elemento mais cego de um sistema e aquele que o faz cair.

Falava-se de subversão, mas não de razão.

No entanto, as autoridades tinham sido apanhadas desprevenidas, perante aquele bloco de homens organizados, que às promessas apenas respondiam, agora, exigindo mais pão e melhores condições.

Quem vive num sistema dificilmente se apercebe do seu fim ou da sua mudança. Para tudo o homem precisa de pontos de referência.

O velho foi narrando pausamente:

— Na manhã seguinte os homens juntaram-se no recinto do cais. Não se sabia qual ia ser a reacção das autoridades. À meia manhã as empresas enviaram um ultimato. Ou os homens regressavam ao trabalho, ou pediam a intervenção da polícia e do exército. Mas as coisas já tinham ultrapassado os limites do aceitável e a ameaça apenas veio cimentar a resolução. A firmeza, mesmo suicida, já não conseguia ver qualquer possível sensatez.

O álcool e as cerimónias de bom augúrio, feitas na clandestinidade da noite, ajudaram ao clima emotivo.

O velho olhou o Nalu que manobrava o batelão de rosto tenso.

Falava agora como se trouxesse de muito longe a sabedoria dos homens grandes da Guiné.

— As autoridades reuniram ao fim da manhã. A resolução fora rápida e fatalmente impensada. Era preciso actuar com presteza e resolução, ser duro e exemplar o castigo, para que não houvesse mais actos semelhantes...

«A cidade parecia morta. Adivinhava-se a tragédia num cenário que já estava montado. Na rua, só os carros da polícia a caminho do porto quebravam o ambiente suspenso.

«Os trabalhadores do porto fecharam o portão do gradeamento e deitaram mão a tudo o que podiam para se defenderem.

Fez uma pausa como se não quisesse prosseguir na narrativa, ou como se as imagens, muito vivas, lhe embargassem a garganta e a alma, por detrás do rosto aparentemente rígido, que olhava o mar na linha do horizonte.

Encorajei-o.

— Como é que os homens se podiam defender com paus e ferros contra armas automáticas?

«Depois, eles não sabiam que aquela força vinha disposta a matar. E vinham. Português e preto sempre tiveram relações do tipo senhor paternal, irmão a irmão, ou mesmo companheiros de infortúnio. Ambos suportam o mesmo calor e se deitam na mesma sombra. Não são como outros povos que dominaram criando uma distância ativa. Por isso, o massacre não estava na previsão imaginada de ninguém.

«Mas os primeiros tiros ouviram-se. Rompeu-se barreira de gente. O portão cedeu. A defesa não passou de um gesto, que ficou suspenso, quando viram os companheiros a cair. Então os assassinos sentiram a orgia do matar e atiraram sobre tudo o que estava em frente. Alguns colonos ajudavam a acabar a tragédia, como acto de embriaguês imparável.

«Os homens fugiram, desesperadamente, em direcção ao extremo do cais, atropelando-se, saltando por cima dos caídos, atirando-se à água e nadando em direcção às embarcações, procurando abrigo nos cascos.

«Da ponta do cais, polícias e civis atiravam para a água, contra tudo o que se movia. A água barrenta do Geba encheu-se de manchas roxas de sangue, que irá correr sabe Deus até quando.

«No cais ficavam, aos montes, os mortos e feridos, num lamento rasgante, pedindo ao desespero que lhes apressasse o fim.

«Quando caiu a tarde daquele 3 de Agosto, os homens da polícia passaram com ar triunfante pelos bares, entre a basófia e a cachaça. Os colonos gabaram-se do número de cabeças abatidas.

«Falou-se em cinquenta mortos e muitos feridos. Nunca se soube ao certo.

«Mas as raízes da ira adormecida tinham começado a crescer e a Guiné nunca mais foi a mesma terra desde esse dia.

Calou-se. Abrira a alma e deixara correr um rio de mágoa tão grande como a largueza do Geba, do Cachine e do Corubal juntos.

A amargura é como um rio que nasce do infinito e está no começo da alma. Quando a palavra consegue desenhar a angústia e a consternação e lançar pela boca aberta da ferida dorida a torrente contida das lembranças, a alma alivia-se, e consegue olhar para si mesma, tecendo um nó de interrogações.

Eles nunca tinham falado mais na negrura daquele dia. Olharam-se, o Nalu, mestre do barco, e o velho, mestre da sabedoria da vida. Dir-se-ia que se interrogavam porque tinham lançado o sentir das palavras contra o meu rosto. Compreendi porque os brancos em Bissau falavam do massacre do Pidjiguiti com uma certa vergonha, qualquer coisa que chocava com o que sentiam, evento que não devia ter acontecido, que devia ser ocultado da tropa recém-chegada.

Fixaram-me, como se me dissessem a razão por que eu, afinal, ali estava, último elo de uma enfiada de promessas, todas deixadas em suspenso. Agora o caminho era o da violência e da guerra.

Até quando?

Os homens tinham deixado de falar e cada um fora para a sua tocaia, carregando as suas armas e as suas razões, emboscando os seus sonhos, sem ver saída para o seu desespero.

O barco torcia agora a estibordo, para enfiar no canal da ilha dos Cobras. Dobrou a ponta sul da foz do Geba e eu deixei de ver o cais do Pidjguiti.

Dali para diante era a minha guerra. O sul pavoroso, onde a guerrilha tinha semeado o terror no mato e fechado as pequenas guarnições coloniais dentro das povoações, agora cercadas de arame farpado.

O casco gasto dos barcos velhos, de madeira grossa e de tinta carcomida, contrastava com o verde forte, brilhante, do mato próximo dos canais. Experimentava uma sensação de desamparo, alvo de tiro livre de qualquer ataque que surgisse da margem.

Mais a sul ficava a Ilha do Komo. Os guerrilheiros tinham feito da ilha um primeiro território libertado. Nas semanas anteriores haviam aí decorrido combates ferozes.

Toda a gente em Bissau me falara do perigo de atravessar o canal, que separava a Ilha de Komo, de terra. A boca do canal surgiu como monstro onde a floresta virgem das margens semeara o imprevisível. Os homens acomodaram-se no porão entre chapas e caixotes. Em cima apenas ficaram os apontadores e municionados das armas, colocadas atrás de sacos de areia, sobre o convés. À entrada do canal parecia ouvir-se mais o martelar do motor, como um coração enorme, a pulsar uma gigantesca tensão psicológica.

O mestre Nalu deu toda a máquina.

— Temos que passar antes que a maré comece a descer.

«Se há contratempo, ficamos presos contra o fundo da maré baixa e então é um desastre.

Passou-se. O canal ficou à ré e em frente abria-se o mar largo até à terra longínqua.

Ao longe a floresta virgem da península do Cantanhez e o canal que a separava da ilha de Melo encostavam-se ao horizonte.

A máquina afrouxou até quase parar. A barça que vinha a reboque encostou ao batelão. O mestre Nalu disse-me que tínhamos que parar e procurar ancorar longe das margens. A maré estava a descer. Não teríamos fundo para atravessar o canal de Melo.

Insisti. Não compreendia bem o jogo das marés. De facto, um sexto ou mais da superfície da Guiné ficava em seco, na maré baixa, e era engolido na maré alta. O mestre estava irredutível.

— Vamos ficar no meio do canal e então eu não respondo!

A tensão que me provocara a travessia do Komo, a desconfiança que as circunstâncias fazem gerar e a informação que eu tinha de que do outro lado do canal de Melo estava um barco de guerra à minha espera fizeram-me pensar, por momentos, que tudo aquilo seria uma cilada.

O Nalu insistia que a maré desceria muito. Seria melhor procurar um sítio ao largo, longe das margens e aguardar.

Concordei por fim.

Os barcos traçaram um círculo largo e pararam, por fim, entre penínsulas e ilhas, a umas duas milhas de todas as costas, ficando lado a lado, amarrados pela amurada.

Assistimos então a um espectáculo inimaginável, lembrando um paraíso selvagem no qual toda a força da mãe natureza de repente acordasse.

As águas foram recuando até deixarem os barcos pousados no lodo do pântano infinito que se formou, fugindo para quilómetros, ao longe, em direcção ao mar largo.

Na lama desenhou-se uma rede incontável de regatos, onde eram retidos os peixes retardatários e aqueles que, por regra de vida, se escondiam na humidade do lodo ou na pequena camada de água empoçada, à espera que a maré regressasse.

Subitamente, das florestas circundantes, surgiram aves de todas as cores e tamanhos desde os glotões pelicanos até às miríades de terríveis pescadores alados, que corriam em busca dos peixes que ficaram na planície sem fim. Dir-se-ia que a floresta abriu as janelas de esconderijo e bandos sem conta de aves multicores esvoaçavam sobre o fundo lodoso do mar.

Até que o cair daquela noite de meados de Maio nos veio lembrar que estávamos na mudança da estação e um tornado instantâneo semeou o céu de riscos de raios e fogachos de relâmpagos, como se o firmamento se fosse partir num festival espectacular e aterrador.

Será difícil observar e sentir tamanho desamparo, um ponto indefeso num deserto de lama, sem fuga possível, espectadores do incerto, não sei se admirativos se aterrados, agarrados à espera paciente, como único recurso!

O céu por fim desfez-se num aguaceiro denso, diluviano, rápido, enxotando toda aquela infinidade de viventes para os seus abrigos na floresta e calando o troar medonho dos trovões e o riscar dos relâmpagos.

O tremendo aguaceiro cessou como viera, repentinamente, abrindo o céu de novo, deixando ver ainda uns últimos raios do pôr-do-sol e cedendo a vez às estrelas, brilhando com uma densidade próxima, e aos milhões de mosquitos que caíam sobre nós como presa a exterminar, levando-nos a procurar na quietude do porão algum sossego. O sono, provocado pela tensão do dia, se encarregaria de nos insensibilizar na sua inconsciência amiga.

A máquina do barco no seu martelar cadenciado acordou-nos daquela letargia, pela alta madrugada.

Os barcos já flutuavam e a maré subia.

À entrada do canal de Melo um foco de luz intensíssima colocou-nos sob a sua mira, alumando o mato e as águas. Era um barco de guerra que nos esperava. A bordo dormimos o resto da última noite de paz. A manhã mostrou ao longe o cais de Cacine e mais acima, numa pequena enseada entre o tarrafé, Gadamael, onde desembarcámos.

Despedi-me do mestre Nalu. A terra onde desembarcava era chão do seu povo. Tinha para ele particular significado. Era um corredor estreito, de alguns cinco quilómetros, entre o rio Cacine e a linha imaginária da fronteira.

A guerrilha estava ali bem enraizada. A zona era vital para o seu abastecimento. Passavam a fronteira e faziam cambança para além Cacine.

Cabia-me construir um quartel em Sangonhá, meio caminho entre Gadamael e Cacine.

Tinha a sensação que a partir daquele momento havia deixado de contar os dias. Passava a ser o homem da fronteira à espera do fim.

O Mestre Nalu em pé junto à proa, ainda disse:

— Esta terra, além-Cacine, já foi um paraíso. Agora cada vez há mais tropa e homens do mato e não se vê futuro para a paz. Há dias que não deviam ter existido na vida dos homens. Como aquela manhã do cais do Pidjiguiti!

Partiu. Não nos vimos mais. Era um homem marcado.

Eu ia sê-lo agora.

O velho desembarcou comigo. Haveria de ser o meu aval de ser «homem grande».

Fiquei a pensar que as raízes do mal estavam mais longe. Só se extinguiriam quando deixasse de haver fronteiras de pele e de projecto.

Sentia o peso do estar ali, como um dever. O pensamento não conseguia desviar-se daquele estúpido massacre do cais.

Como se alguém me gritasse dentro, que nunca há razão para matar alguém que luta pelo pão de melhores dias ou pela razão de sentir-se gente.